



Domitila

Ópera de Câmara em um ato baseada nas cartas de D. Pedro I e Marquesa de Santos

FICHA ARTÍSTICA:

MÚSICA E LIBRETO: João Guilherme Ripper | **ENCENAÇÃO E DESIGN:** Pedro Ribeiro | **Maquiagem e cabelo:** Sérgio Antunes

INTERPRETAÇÃO: Sara Braga Simões – Soprano | **Toy Ensemble:** Ricardo Alves: clarinete, Burak Ozkan: violoncelo, Christina Margotto: piano | **DESIGN DE LUZ:** Rui Maia

FICHA TÉCNICA:

MODELAÇÃO, CONFECÇÃO FIGURINO E CORTINAS: Letícia dos Santos | **TINGIMENTOS E PINTURAS DE TECIDO:** Pedro Ribeiro | **CONFECÇÃO SAIOTES:** Maria José Ribeiro | **VÍDEO, ILUSTRAÇÕES DE:** Joaquim Teive, Jean Debret, Eduard Hildebrandt, Almeida Júnior, Belmiro Almeida, Charles Landseer, Félix Taunay, Henry Chamberlain, Joaquim Guilobel, Johann Rugendas, Maria Graham entre outros retirados de acervos de Desenho da Faculdade de Belas Artes de Lisboa e do arquivo online “Brasiliana Iconográfica”.

PRODUÇÃO: Mestres Viajantes | **Co-produção:** Casa das Artes Famalicão | **APOIO:** Companhia de Teatro Os Quatro Ventos | **M/12**

SOBRE A OBRA:

Domitila

O enredo da ópera “Domitila” resume-se na jornada interior da personagem rumo ao âmago de sua paixão. Para isso, serve-lhe de veículo o maço de cartas e bilhetes que reencontra no dia de sua partida, esquecido em meio a baús e roupas espalhadas pelo chão.

O rumoroso caso de D. Pedro I e Domitila, sua amante mais (re)conhecida, tornara-se um escândalo na corte brasileira. Começou dias antes da proclamação da Independência, prosseguiu às claras após a morte da princesa D. Leopoldina, foi notícia na Europa e quase impediu o casamento do Imperador viúvo com D. Amélia de Leuchtenberg. Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, que habitava uma casa próxima ao Palácio de São Cristóvão, devia sair o mais rápido possível do Rio de Janeiro levando na bagagem a turbulenta história de amor registrada em muitas linhas.

Escrevi o libreto a partir das cartas e bilhetes que organizei em um arco dramático, sem necessariamente obedecer à ordem cronológica. As primeiras são leves, divertidas, cheias de humor e malícia. Pedro assina “fogo, foguinho” e “o demonão”. Aos poucos, o tratamento vai mudando conforme os ventos da política. Os conselheiros determinam que o imperador deve casar-se; a assinatura torna-se majestática: “O Imperador”! Domitila reage às mínimas alterações de humor quando canta incrédula as palavras escritas pelo amante, mas ainda encontra-se envolvida por elas como se estivesse mergulhada num mar de sargaços. Foi com essa imagem em mente que escrevi a ária central começando com os versos “Diga em quantas linhas, te enredaste antes de me revelar. Estranhamente, tua ausência junto a mim acende as estrelas, enquanto a noite eu já perdi”.

A partir deste ponto da ópera, as cartas de Pedro sugerem afastamento. Em algumas, ele mostra-se ciumento e possessivo, mas começa a evocar seu dever imperial para ordenar que Domitila deixe a cidade. Domitila exaspera-se, ama, odeia e reage ao abandono. Até chegar a última carta contendo uma ameaça em caso de desobediência e relembrando a obrigação da Marquesa de submeter-se à vontade do Imperador.

A ária final é a resposta que Domitila redigiu pouco antes da partida. Ela disfarça sua dor num sutil tom de sarcasmo e na linguagem formal, apropriada para uma missiva ao Imperador, a quem ela dirige-se pela primeira vez como súdita, a Marquesa de Santos.

Escrevi a música de “Domitila” em estreita ligação com o texto do libreto. A parte vocal tinha como referência a querida soprano Ruth Staerke, que criou o papel e a quem a obra é dedicada. A partitura requer um trio formado por clarinete, cello e piano, formato que viabilizou diversas apresentações da obra durante os 22 anos desde a sua composição. Por outro lado, levou-me explorar a técnica de cada instrumento para alcançar a diversidade tímbrica que desejava.

Os ritmos brasileiros de matriz africana, como o maxixe e o lundú, contrastam com formas da música europeia, como o trio sonata e a ária, evocando o cadinho cultural que se formou no Brasil do século XIX. A linguagem harmônica é eclética. Consonância e dissonância foram utilizadas como elementos que sublinham a condução dramática. Passagens tonais são seguidas de outras politonais ou atonais, de acordo com o desenrolar da história.

João Guilherme Ripper

Compositor

Prêmios: Premiada pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), na categoria Música Erudita melhor obra camerística, no ano 2000.

http://www.terra.com.br/istoegente/exclusivo/dez00/exc_premio.htm

Contemplada com o Prémio Circuito Funarte de Música Clássica 2010

<http://www.funarte.gov.br/wp-content/uploads/2010/06/PremioCircMusClassica.pdf>

NOTA DA ENCENAÇÃO E DESIGN:

“Para quem por amor me prende e por amor he preza.....”

A interpretação que J.G.Ripper faz na sua música da personagem “Domitila” parece-me desenhar uma pessoa que sofre de um grande amor perdido, que vive numa desilusão, que busca até uma espécie de vingança. Parece englobar em si uma espécie de dependência. Uma dependência por este amor perdido e por não ter atingido o seu objectivo com o relacionamento. Tal qual uma *Miss Havisham* (personagem de C.Dickens na obra “Grandes Esperanças”). Assim a atmosfera criada pela **cenografia** busca um local de passagem de uma casa. Uma habitação que é deixada para trás. A personagem abandona a casa a pedido do ex-amante encontrando as cartas que habitam em si. Apenas o espírito da Domitila permanece, revivendo tempos passados. As projecções de memórias são derramadas sobre a cenografia e o figurino. São ilustrações e pinturas, que remetem para o período de vida da Marques (1797-1867), feitas por *Teive, Debret, Hildebrandt, Júnior, Almeida, Landseer, Taunay, Chamberlain, Guilobel, Rugendas, Graham*, entre outros. O **figurino** é uma peça completamente original, desde o tingimento do tecido à pintura feita à mão. Recria fielmente a ortografia das cartas de *D. Pedro I* o papel amarelecido pelo tempo, os carimbos dos arquivos históricos; os envelopes; e os borrões de tinta alagados em lágrimas. Assim a **encenação** não irá também seguir uma linha ilustrativa do dia sugerido pelo libreto. A Marquesa sabe as cartas de memória, ela vive com elas, ela não as descobre por acidente quando vai sair de casa, ela no fundo, nunca saiu de casa naquele dia, ela vive lá hoje e nas palavras que *Pedro* escreveu.

Por Pedro Ribeiro | Encenação e Design.